

IV CONGRESSO



SOCIEDADE PORTUGUESA
DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

INVESTIGAR E FORMAR
EM EDUCAÇÃO

18 a 21 de Fevereiro de 1998



Universidade de Aveiro
Centro Cultural e de Congressos de Aveiro

Histórias de vida e entendimento de alunos futuros professores

Ricardo Vieira

Mestre em Antropologia Social e Sociologia da Cultura; Doutor em Antropologia Social. Professor Adjunto da ESE de Leiria.

*Não há nada mais difícil
Do que iniciar uma nova ordem nas coisas
Maquiavel, O Príncipe*

Esta comunicação decorre duma pesquisa realizada para o meu doutoramento. Usa dados que não foram muito explorados dada a reconstrução do objecto de estudo que entretanto fui fazendo.

As práticas e as representações sociais de cada professor, quer relativas à interacção na sala de aulas, ao relacionamento com os alunos, à programação e planificação de actividades curriculares ou de complemento curricular, às expectativas que têm da participação dos pais no processo educativo, etc., denotam um "tipo ideal" (parafrazeando Max Weber, 1983) com o qual se identifica como profissional, e o qual lhe serve de modelo de conduta e de protótipo de "bom professor".

Não nos podemos esquecer, e acima de tudo, é que o Professor é uma Pessoa - um ser único e irrepetível, com sentimentos e emoções, cognições e percepções, motivações e reacções que lhe são próprias e que advêm de todo um conjunto de experiências idiossincráticas que lhe estão inerentes.

Como recorda Nóvoa, *"a identidade não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto. A identidade é um lugar de lutas e de conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão. [...] Cada um tem o seu modo próprio de organizar as aulas, de se movimentar na sala, de se dirigir aos alunos, de utilizar os meios pedagógicos, um modo que constitui uma espécie de segunda pele profissional. [...] A maneira como cada um de nós ensina está directamente dependente daquilo que somos como pessoa quando exercemos o ensino"* (1992a: 16,17).

É também facto que hoje já não se pretende que o professor seja apenas um eficaz e competente transmissor de conhecimentos. O seu papel é mais complexo e exigente que nesses dias passados.

A metáfora do oleiro e do jardineiro ilustra exemplarmente o salto ocorrido no que toca ao papel que passa a caber ao professor: este não modelará mais a criança como o oleiro modela o barro em obediência a um projecto que só ao artífice diz respeito; o professor deverá ser antes como o jardineiro que cuidadosamente retira as pedras que possam entravar o crescimento da planta. Planta que, tal como a criança, crescerá naturalmente, segundo as suas próprias potencialidades e regras

(Carvalho, 1988: 171).

Assim, o professor deve ter um perfil diferente daquele que era pretendido para um professor tradicional, porque, e como diz António Nóvoa: *"A escola é um espaço social e cultural, o que obriga os professores, por um lado, a privilegiarem o seu frente-a-frente com os alunos (e não com as disciplinas) e, por outro lado, a porem de pé uma pedagogia crítica baseada na*

desmontagem dos saberes, do seu modo de produção e das suas estratégias de difusão social." (Nóvoa, 1992b: 35).

Mas quis eu próprio averiguar se os professores e futuros professores, se enquadram hoje num perfil tradicional ou num perfil mais dinâmico e activo, como o requer o ensino dos nossos dias e perceber donde lhes vem tais influências. Para tal, efectuei um inquérito por questionário, através do qual pretendi captar a essência da visão que os professores de carreira e futuros professores da Escola Superior de Educação de Leiria têm do perfil ideal do professor.

Há que assumir desde já a fragilidade dos dados colhidos. Com efeito, para maior fidelidade, haveria que os aplicar a um universo mais alargado. Mas a verdade é que pretendia apenas mais um indicador para juntar à problemática central da tese que queria desenvolver.

Inicialmente apliquei 40 questionários: 15 a alunos do 1º ano, 15 a alunos dos 3º e 4º anos da Escola Superior de Educação de Leiria, e 10 a professores do 2º e 3º ciclos do Ensino Básico, dos quais 5 apenas profissionalizados, com vista a conhecer representações da Reforma Educativa. Os questionários, como dei conta noutra sítio, aparecem-me com resultados às vezes pouco relevantes. Essencialmente muito estereotipados. Servirão talvez apenas de teste experimental já que, pelas respostas em geral, posso desde já dizer que houve algumas fugas às perguntas. Por isso não é deles que falarei aqui.

Todavia há alguns alunos futuros professores com bastante convicção, olhar crítico para o presente e força para construir um futuro que entendem será melhor. Não só respondem às questões como acrescentam também depoimentos:

Por experiência e por ouvir falar diariamente que é necessário mudar o ensino, torná-lo mais acessível e atraente à criança, sei que se fala muito mas também que não se faz assim tanto. Como por exemplo: quando vim para a escola superior de educação de Leiria, logo nas primeiras aulas, apercebi-me que os professores mostravam grande interesse e vontade de melhorar o sistema educativo, chegando a alertar-nos para que, como futuros professores, tivéssemos uma participação activa nesse processo. Mas, agora que passaram já 3 anos, constato que muitos deles ficam apenas pelas palavras. Verifica-se que na própria instituição escolar todos sabem que algo tem que mudar, mas, no entanto, todos se acomodam e esperam que alguém tome a iniciativa.

Existe um abismo entre a promessa e a realidade, entre a boa intenção e o facto, entre o que a escola é e o que gostaríamos que fosse. Eu acredito que é possível mudar o ensino, torná-lo mais atraente, fazer acreditar as crianças que a escola é um bem e não um "papão". Será que quando acabar o curso que agora frequento, e ingressar no mundo do trabalho, continuarei com esta vontade? Ou será que quando aparecer a primeira barreira virá a desmotivação e passarei a fazer parte também daqueles que somente têm boas intenções? esta é uma pergunta essencial a ser colocada aos futuros professores, pois é necessária uma reflexão a partir do momento em que se decide ser educador. Não se pode pensar que a profissão de professor é uma alternativa para quem não tem mais nada para fazer, mas que exige de nós um verdadeiro prazer em ensinar, oferecendo-nos em troca uma realização pessoal.

Mas porque será que os outros, também os nossos próprios professores, estão à nossa espera para modificar o que já deveria ter sido modificado? Não quero repetir o que já disse, mas é essencial que se diga o que se sente. E o que sinto é que os professores que estão a ensinar

agora, estão à nossa espera para que concretizemos aquilo de que todos falam, mas que só alguns fazem. É de louvar os que tentam tornar a escola mais atraente, mais criativa, e que tentam também compreender os processos que estão por detrás dela, ou seja, não ver apenas o aluno como aluno, mas como uma pessoa que tem uma vida própria.

(aluna finalista num depoimento que acrescentou ao questionário)

Pela prática pedagógica que conheço de alguns inquiridos, professores e alunos futuros professores, posso observar que nem sempre o que se diz corresponde ao que se faz. Significa que o docente preenche o questionário procurando uma resposta que lhe pareça actualizada, moderna, esclarecida, correspondente ao perfil idealizado pela conjuntura educacional actual, não conseguindo por vezes dar a cara, e mostrar o seu verdadeiro eu profissional que, com alguma segurança em alguns casos, posso afirmar que é exactamente ao contrário. A aluna de que citei o depoimento, e o António e o Telmo de que falarei à frente, são verdadeiras excepções e "ideais tipo".

Em síntese, e considerando um outro estudo mais alargado,

Os professores têm em geral uma auto imagem positiva, que se refere contudo não tanto aos professores em geral, mas aos professores do grau de ensino a que pertencem. Essa imagem que os professores têm de si mesmos é mais favorável que a imagem que deles tem a opinião pública, que atribui a imagem mais positiva aos professores primários. A imagem mais negativa prevalece em camadas de população mais desfavorecidas. Quando comparados com os professores de ontem, os professores de hoje têm de si uma visão mais optimista, bem mais positiva aliás que a opinião comparada do público sobre eles.

(Braga da Cruz, 1989: 71)

Nesta investigação pude constatar a grande importância das histórias de vida na construção da identidade de cada um e na idealização e construção social de determinado perfil de professor que ilustro com a biografia de dois alunos duma ESE, neste momento já professores.

Resta ainda dizer que tendo a escola necessariamente um papel primordial no prospectivar do futuro, a mudança nos sistemas educativos passa não só pela reconstrução de novos *curricula*, novas metodologias e novos ideais, mas, também forçosamente pela própria Reforma dos professores. É através deles que é possível ou não a prática da tão badalada Reforma Educativa. O desafio é grande. Um professor não muda de roupagem intelectual da mesma forma que um jogador despe a camisola vermelha para vestir a verde ou outra. Então, a formação superior e concretamente a formação de professores, tem efectivamente que ser diferente da que se tem processado, isto se se quiser actuar ao nível das atitudes e representações que enformam as práticas pedagógicas. Para Albano Estrela (1996),

Os cursos de formação de professores no ensino politécnico e no ensino universitário, muitas vezes, são feitos contra a reforma, não no sentido literal, não no sentido de destruir, mas porque a sua matriz se baseia no espírito tradicional. Continua-se no ensino tradicional, por disciplina. Damos mais valor ao conteúdo que às formas de transmissão (p. 21).

A formação de professores tem que preparar para a mudança e formar para investigar e constantemente readequar. E obviamente que isto não passa exclusivamente por doses maciças de saberes fragmentários, descontextualizados, acrescidos de regras e boas intenções de ensinar a que se tem chamado ora pedagogia ora didáctica, ora metodologia disto ou daquilo.

[..] As actuais condições legais e institucionais em que se realiza a formação em serviço, pelo modelo teorcionista e intensivo em que assenta, como completamente insuficiente para promover a invenção sócio-escolar permitindo apenas, contrariar alguma passividade e, nalguns casos, o aparecimento de práticas pedagógicas que rompem com a rotina, uniformização e arbitrio pessoal. Consideramos que será de dar especial ênfase no trabalho de formação: à análise dos processos de interacção selectiva, rotulação, segregação sócio-escolar e de construção de expectativas de sucesso escolar socialmente condicionadas; ao questionamento das concepções ideais e reais de Escola equacionando-as no âmbito da análise das funções da escola e na discussão das finalidades sociológicas da educação; à identificação dos limites organizacionais da acção individual e colectiva, relacionando-os com os «ambientes escolares locais» e respectivas atitudes face à diferença e à diversidade sócio-cultural.

(Caria, 1993: 10,11)

Vejamos agora em particular aspectos do percurso de dois alunos futuros professores, desse grupo que se parece querer assumir como alavanca da mudança. Reconhecem que a sua forma de ver a educação e o papel de professor, pouco tem a ver com a aprendizagem feita na formação superior.

Assume-se assim aqui uma postura investigativa mais etnográfica, interpretativa e compreensiva do que explicativa ou positivista.

As duas histórias de vida que se seguem são do António e do Telmo, dois professores, que entrevistei antes de o serem, no início, meio e final do curso. Usam-se pseudónimos.

Procuro nas suas narrações encontrar modelos, pessoas críticas (positivas e negativas), incidentes críticos, etc., que tenham contribuído à construção dos seus ideais pedagógicos antes da frequência do ensino superior - ESE de Leiria.

Trata-se de perspectivar a visão émica: consagrar a visão dos próprios actores, objectos de estudo tomados sujeitos eles mesmos. Parece-me ser uma perspectiva ainda pouco usual nas Ciências da Educação.

O António Nunes

O António Nunes foi um aluno que me despertou a atenção desde o seu 1º ano. Era aluno do curso de Educação Física, mas parecia-me interessado em quase todos os problemas sociais e culturais da vida contemporânea, o que não costuma ser vulgar nos alunos da escola onde eu próprio ensino. As pessoas situam-se num plano de interesses muito estrito; o mais delimitado possível à área científica do curso que prosseguem: Educação Física, Matemática e Ciências, Educação Visual, Educação Musical, etc. Isto salvo raras excepções. E o António afigurou-se-me como uma delas. Gostava imenso da disciplina de antropologia social e cultural, que eu tentava adequar o mais possível aos problemas da educação.

De início era interessado mas um pouco tímido, reservado e pouco confiante nas formas de intervir. Foi já como estagiário, no penúltimo e último ano, e depois já mesmo licenciado, quando falámos ainda por diversas vezes, que o fui representando cada vez mais como um profissional deveras reflexivo.

Vi que o António que eu avaliei, eventualmente com um 14 ou um 15, nem sequer a melhor nota, era afinal outro tipo de estudante. Um autêntico intelectual, porque nem todos os licenciados parecem ser intelectuais. Mais raro, ainda, é encontrar alguém de Educação Física, e de outros cursos também, com o seu perfil, preocupando-se com a educação como um acto político e interessado em problematizar a sociedade.

E, portanto, em vários contactos que fomos tendo, encontrei um António muito dinâmico dentro da ESE e um António com uma consciência muito crítica, mas uma crítica reflexiva, que acho ser o objectivo último da educação¹. E então pensei: vou entrevistar o António para ver até que ponto essa sua forma de estar na vida e na escola é algo que vem construído de trás ou não.

O António Nasceu no Porto. É o filho mais novo de um casal que teve 5 filhos. Na altura das entrevistas tinha 26 anos. O pai é proprietário de uma empresa de móveis e madeiras. Os irmãos todos estudaram. Aliás, lá em casa parece não ter havido nunca problemas de dinheiro para os estudos dos filhos.

Colocar aqui quadro I

No entender do António, em sua casa sempre se criou um espírito de diálogo e reflexão sobre as práticas do dia a dia. O seu pai teve alguns dissabores com o filho mais velho que perdeu muito dinheiro no jogo. De alguma forma isso parece tê-lo tornado um pouco mais rispido para os filhos. O António diz que o controlo sobre ele, filho mais novo, se tornou mais apertado e, nas suas próprias palavras:

Sinto-me já uma uma pessoa nos principios da independência, um bocado tarde, mas, se calhar, não tenho o dever de ouvir certas coisas que ouço.

Em relação à vida escolar, o padrinho, irmão do pai e duplamente cunhado da mãe, porque casou com uma sua irmã, foi o modelo mais importante que o estimulou desde cedo para os estudos. O António sabia bem o esforço que ele fizera para se licenciar em medicina.

[...] pronto, praticamente os meus fins-de-semana eram passados com ele... Ele também já era casado, ele gostava muito dos filhos dele e eu sempre... talvez não represente assim um papel muito importante na minha vida, mas penso que foi a pessoa que, decididamente me levou para os estudos. Então as pessoas diziam: "Ah, tens de ser médico como o teu tio...". Só quando foi para fazer a opção, eu optei mais pelo desporto.

Seguiu desporto e obteve um diploma de professor do ensino básico 2º ciclo, variante de educação física. Mas continua a preocupar-se muito com a educação enquanto sistema e processo social, como muitas vezes discutimos. E, como ele próprio diz, "*vou mais pela educação do que pelo desporto*".

O António e os irmãos acabaram por não entrar pelos domínios da gestão das empresas do pai. Nem mesmo a irmã que é economista e que preferiu virar-se para o ensino. É o próprio pai, com a 4ª classe que é o gestor das empresas. Também ele foi um trânsfuga, embora não através da ascensão da escada do ensino escolar. É verdade que o seu pai, avô do António, não só esteve ligado à agricultura mas também às madeiras. Mas o pai do António deu um grande salto social. Acabou por ser um inovador face à economia e organização social do seu grupo doméstico.

O António fez a educação pré-escolar e dela tem uma óptima imagem. É uma fase crítica positiva da sua vida que o alertou para a educação estética:

Fiz... foi excepcional para mim. Posso dizer que tive uma educação estética porque, realmente, foi p'ra mim importante que..., pronto, apesar de serem as pessoas que são, as freiras, eram pessoas extremamente sensíveis e sempre me ajudaram... sempre fui muito sensível para as coisas...

Nas férias e tempos livres o António ajudava por vezes na preparação dos móveis para entrega. Hoje é raro fazê-lo ou prestar outra qualquer ajuda na empresa de que também é sócio. Até porque os empregados não vêem com bons olhos "o filho do patrão" ali a trabalhar com as mãos. E mais agora que é professor.

O irmão mais velho é uma pessoa crítica na sua vida. Crítica mas do ponto de vista de modelo a evitar, a funcionar pela negativa.

Aí está... Tive um tratamento diferente por causa do... O meu irmão mais velho sempre me bateu muito, porque talvez não gostasse muito do tratamento que eu tinha e que ele não teve, e ele, se calhar, vê o sucesso que eu tive, pronto, o sucesso relativo que eu tive no Ensino Superior e ele não teve, e ele considera-se com tantas potencialidades como eu. E ele considera-se uma pessoa extremamente esclarecida. Não permite que ninguém o ajude.

Nunca teve problemas monetários para estudar, comprar livros ou obter coisas que pretendesse. Automóvel também o teve muito cedo. É accionista da empresa, conjuntamente com o pai, a mãe e os irmãos e como tal tinha direito a carro.

[...] foi por distribuição. Eu sou o accionista da serração de madeiras com o meu irmão. Aquilo é... pronto, os homens têm direito a carro, a sociedade nas empresas, enquanto que as mulheres têm direito a casa, não têm direito a carro nem a sociedade. As sociedades são feitas com o pai, a mãe e os filhos.

O António parece também ter acordado para a vida intelectual através do insucesso na disciplina de português. Reflectiu muito sobre isso e criou a sua própria explicação: não respondia o que os professores queriam; os professores delimitavam-lhe a leitura e a interpretação textual: "*Eu punha*

muitas vezes em questão: porque é que eu tenho de ler só um bocado do texto, porque é que não posso ler o livro todo?"

Ficou boquiaberto quando soube que a professora de filosofia da prima não usava manual escolar. Pensou na altura que isso era ser-se um professor diferente e isso fê-lo reflectir bastante.

mas quando conversávamos - porque nós nos reuníamos todos os sábados e domingos em casa da minha avó, onde vivia só o meu tio, também padrinho, e lá a família juntava-se toda e nós iam trocando impressões sobre a escola e lembro-me que a minha prima dizia-me que tinha uma professora excepcional a Filosofia, que não tinha livros, elas é que levavam os livros e ela tirava a matéria dos livros e coisa parecida...

Antes de partir para a etapa do ensino superior, o António esteve ligado a uma estação da rádio onde iniciou um programa que hoje, passados 10 anos, ainda continua. A sua capacidade de lidar com o francês e o inglês, faziam dele, na altura, um elemento chave da rádio local.

Hoje, licenciado e regressado "à terra", recorda com saudade a sua adolescência. Sente que as pessoas o tratam de modo diferente. Por outro lado, sente que também não tem conversa para muitos colegas do passado e assim o número de interlocutores diminuiu.

Finalmente, parece-me que o António é um trânsfuga² e um terceiro instruído³ que está preparado para construir a interculturalidade na vida social global e acredito que também na sua profissão de educador e professor. Essas qualidades parecem contudo já estar presentes no início do seu curso superior. Este terá contribuído certamente para adquirir alguns instrumentos pedagógicos e arrumar melhor algumas reflexões. Mas, estou seguro, e ele próprio também, que não foi na licenciatura que aprendeu a metodologia que marca a sua intelectualidade e o seu *ethos* de potencial professor: a empatia, o respeito pelas diferenças e a pedagogia intercultural.

O Telmo Costa

Também o Telmo Costa se me afigurou diferente da maioria dos meus alunos. Não era muito brilhante nas notas. Mas era essencialmente um aluno problematizador e reflexivo. Por isso mesmo também me predispus a conhecê-lo melhor para tentar aceder na medida do possível ao gérmen da criatividade e reflexividade que caracteriza alguns profissionais do ensino.

O Telmo é filho de uma professora do ensino secundário que de alguma forma lhe exigia que fosse um aluno interessado pelas matérias escolares e trabalhador. Contudo, reconhece que foi o pai que o levou mais a pensar na arte, na criatividade como um valor, e implicitamente também na concepção activa da pedagogia. Mas, diz, os dois - pai e mãe - tinham "*aquela concepção tradicionalista [...] de estudar a informação recebida dos professores*". Isso foi ao princípio uma matriz de orientação dos pais para com o Telmo, que, de alguma forma, parecia excluir a possibilidade deste se poder realizar profissionalmente através da pintura:

E no momento em que eu comecei a manifestar prazer pela pintura, por exemplo, e comecei a pintar, eles ficaram assustados porque eu já não estava a estudar e como já tinha chumbado uns anitos, tiveram grande dificuldade. O Fanha ainda falou como eles. Eram conhecidos do Fanha. Encontraram-se a uma certa altura e manifestaram essa preocupação que eu estava um bocado irresponsável pelos estudos e ele disse que não era preocupação. Há duas perspectivas, e a escola defende um bocado esta, o estudo desinteressado, a pessoa recebe a informação desinteressada e vai para casa estudar, estudar... "marrar". Tem que decorar aquelas páginas, pois vai ter um teste, mas praticamente nada fica, vai para o teste despeja aquilo e...

O pai, mediador orçamentista, tem um curso técnico das antigas escolas comerciais e industriais. No entanto, há muito que também desenhava e acompanhava o avô que era pintor.

Filho de pai Minhoto com um "certo bichinho pelas artes" e de mãe Açoriana e ligada à cultura escolar, por ser professora, o Telmo Costa tem um visão crítica da escola, uma concepção multidimensional desta, muito próxima da Escola Cultural de Manuel Patrício (1990).

Colocar aqui quadro II

É embrenhado nestes valores que o Telmo critica bastas vezes a escola tradicionalista e a concepção bancária (Freire, 1974 e Santos, 1986) da acumulação desinteressada de saberes, tocando de perto a visão da escola do futuro, de Agostinho da Silva (1990):

Aprende-se para esquecer. No entanto há o futuro interessado no qual o aluno vai e vive a informação que o professor lhe dá e dessas vivências aproveita. Evidentemente que com as cargas curriculares que os alunos têm, essas vivências são quase impossíveis, porque o aluno numa hora vai ter Matemática noutra hora vai ter Português e a vivência que teve na Matemática vai ter que ser desligada tem que ter um interruptor, e agora vou ligar o Português, não é? Interrompe o gosto... Se a escola fosse voluntária, voluntária neste aspecto, os alunos tinham as várias disciplinas e segundo a sua disposição iam para aquela disciplina e estava lá o professor não a impingir informação mas como se o aluno estivesse a trabalhar aquilo que queria e iria sentir prazer nisso.

O Telmo começou a idealizar esse tipo de escola e também de pedagogia activa (Freinet, 1973, 1977 e Claparède, in Chateau, s/d) alguns anos antes de ter ingressado no ensino superior. Foi no secundário, para aí no 10º ano, quando teve um professor de seu nome Fanha⁴, "que chegava a fazer discussões" - aulas no café - o que o fez reflectir sobre a necessidade de se ter de privilegiar a motivação ao invés da obrigação. Considerava que o Fanha era o seu modelo de professor - interveniente.

Recorda bem o ano em que ele quis mudar o nome da escola para Escola Zeca Afonso, em homenagem a este cantor. Era um professor que conseguia "provocar a discussão porque entrava na aula ... ele conseguia dar as aulas de uma forma que conseguia levar o gosto dos alunos ao encontro da arte".

O Telmo chegou a tratar este professor "por tu", o que para ele era significativo de uma aproximação - necessária para ele - entre professor e aluno:

T. C. - Tratávamos todos por "stôr" mas a partir de certa altura, quando as pessoas começaram a chegar-se mais para ele (um conjunto de alunos) ele próprio disse "É pá, tratem-me por tu". No tratamento havia assim uma admiração e um certo respeito, o Fanha de qualquer forma era uma pessoa conhecida e por outro lado era um indivíduo que chegava aos alunos, não era aquele que ia impingir a matéria lá e então, chegava com uma cassete dos Doors. Na altura toda a gente gostava, ele punha aquilo e comparava com a arte e aproximava muito mais as coisas.

Também um outro professor dessa escola e dessa altura, lhe marcou a sua visão da escola e as suas concepções pedagógicas - o Professor Rebelo, que gostava e sabia de música e provocava os alunos. "Fazia-nos pensar mesmo depois do horário escolar".

Quanto aos professores críticos pela negativa - pessoas críticas que constituem modelos a evitar (Kelchtermans, 1995) - mas que também contribuem para a construção da identidade pessoal, o Telmo recorda a professora primária, que lhe dava reguadas. Uma reguada por cada erro ortográfico⁵.

Foi nos Cavaleiros. Já depois do 25 de Abril dava reguadas aos alunos que tinham insucesso escolar. Eu dava muitos erros, e ainda dou. Recebia reguadas de cada erro que dava, era terrível. O ditado era terrível. Para mim ela ditava, nós estávamos a escrever... mas eu estava longe.

Recorda por circunstâncias semelhantes também uma professora de matemática do secundário que "despejava como se fosse um metralhadora a matéria e pouco se estava ralando se o insucesso existia ou não, se os alunos estavam a apanhar ou não".

Todavia, diz que são sem dúvida os melhores momentos que permanecem. As más recordações ficam mais no fundo da memória. Mas, mesmo assim, não esquece a professora de educação visual que lhe deu negativa.

Estava na escola onde a minha mãe leccionava. Era mau para mim. Lembro-me duma professora de Educação Visual onde tive negativa com ela. Porque ela exigia muito... também ligado ao sistema de ensino tradicionalista e na altura do Estado Novo... onde o desenho artístico tinha de ser rigoroso... tínhamos de ser rigorosos no desenho e era uma coisa que eu não conseguia ser. Aprendi que a expressão é mais importante do que a técnica. A técnica adquire-se facilmente, rapidamente, e a expressão essa é muito mais importante.

Mas quando concorreu também para Leiria, onde veio a estudar na ESEL, nem sequer sabia que era para vir a ser professor: "nem sequer sabia o que era a Escola Superior de Educação". Depois de ingressar no ensino superior foi chamado para o serviço militar, onde esteve 14 meses. Esteve nos serviços cartográficos do exército e o que recorda mais desse tempo da tropa "é a grande amizade que nós tivémos lá uns pelos outros". Embora já com o 12º ano, o Telmo Costa esteve como soldado no serviço militar. É por natureza, como ele próprio diz, "um indivíduo muito distraído e então... [...] não pus os papéis a tempo... mas foi ótimo porque senão teria de estar a mandar

nos outros... e eu tenho grandes dificuldades em impor-me perante as pessoas, e às vezes perco por causa disso... não perco nada!..." Para a mãe estas distrações eram intoleráveis. Eram no fundo pequenas transgressões.

Recorda-se de rir com os seus colegas sobre o modo usado pelos imediatamente superiores para lidar com eles. Hoje transfere essa análise para o ensino, pondo em prática o método comparativo⁶, e vê que essa relação existe muitas vezes entre professor e aluno. Mas diz que não retirou muito conhecimento do tempo da tropa. Aprendeu sim foi relações humanas com a interacção:

Apenas as relações humanas foram boas, encontrei pessoas de todos os lados, pessoas com quem tive dificuldade de adaptar-me... pessoas que não eram do meu meio social... foi violento. Lembro-me que o meu maior confronto foi com um indivíduo que tinha vindo de uma rua escura do Porto, e a mãe dele era prostituta, e as irmãs também. Um indivíduo bastante violento... e tornámo-nos mesmo bastante amigos.

Aqui, neste incidente crítico, reforçou a sua tolerância, relativizou ainda mais o seu etnocentrismo, e, dum choque de culturas, construiu uma relação intercultural que se veio a transformar em amizade.

Na sua opinião não está a haver verdadeiras mudanças no sistema educativo. Nem no 2º ciclo, onde estagiou e lecciona hoje, nem mesmo nos formadores da ESE. E mais, acha que as pessoas se têm acomodado. Ele próprio, questionador e sempre com propostas muitas vezes entendidas como transgressoras, mas para ele inovadoras, diz ter aprendido também a conformar-se e a não alvitrar ideias e alternativas.

Essa sua filosofia de vida e de ser intelectual, em sua opinião, já vem cultivada de momentos e interacções anteriores ao ensino superior: *"os entusiasmos e gostos já vêm... foram cultivados por pais, por professores que tiveram... nem sei propriamente donde vêm..."*.

[...] Pode ter sido aprendida antes com os professores que eu tive. Agora na Escola Superior de Educação, não. Por muito que eu...

INV. - *Mas teoricamente falou disso, ou não?*

T. C. - *De quê?*

INV. - *Dessa pedagogia.*

T. C. - *Aqui na escola?*

INV. - *Os professores, ou as cadeiras, os programas, os currículos da ESEL..., abordou essa pedagogia, ou não?*

T. C. - *(Risos). Abordei uma série de pedagogias, abordei essa pedagogia, mas... Abordou-se... (risos).*

Entende que o mais importante dum professor é ser reflexivo. Deve estar sempre a sê-lo, sem necessidade de estímulos monetários, que é normalmente o argumento do docente para justificar os seus parcos interesses pelo processo educativo escolar:

A questão fundamental é reflectir mesmo sobre o eu. Hoje cheguei aos alunos? Talvez sim, talvez não... É importante reflectir sobre o eu profissional e o eu pessoal não acha?

Considera que para obter as classificações idealizadas ele próprio acabou por deixar de ser ele mesmo. Pôs a máscara para não se prejudicar. Representou o que os outros queriam que ele aparentasse:

Eu quando sair aqui dos primeiros três anos,... Eu este ano tive que me libertar duma série de coisas. Eu tornei-me reaccionário mesmo. Ao fazer as coisas tal como disse há bocadinho que não vinham nas minhas ideias eu já não estava a ser eu. Às tantas encontrei-me em frente aos miúdos eu disse: "Espera aí isto não pode ser assim". E aos poucos estou a conseguir libertar-me. Eu penso que esta escola está a ser muitas vezes uma paragem.

Para si, os colegas e grande parte dos professores estão estagnados: "As pessoas estão estagnadas aqui na escola, não estão?", perguntava-me a ver a minha reacção, mas indiciando a sua opinião com a pergunta que me fazia. E os colegas não são criativos em sua opinião. "Não são criativos porque a quantidade que a escola exige não permite criar... Já fui a um debate sobre a preguiça e a criatividade. Estava até o professor Agostinho da Silva..."

E se o professor não é uma pessoa activa, diz, interveniente, produtor de mudanças, também não pode construir cidadãos activos. Cai por terra o mito da educação e construção de cidadãos intervenientes, de acordo com a LBSE (Lei de Bases do Sistema Educativo).

Eu acho que é importante uma pessoa além de ter a sua profissão, professor neste caso, ter um hobby. Não de passividade, ser de intervenção, não ser unicamente de ver a telenovela à noite. Ser de actividade, de intervenção. Como é que um professor passivo pode provocar actividade no aluno? Porque o que se quer na escola é actividade, que os alunos sejam activos, não é? Quer-se que haja actividade, que não haja passividade, e como é que um professor passivo pode tornar...? Eu acho importante... Se calhar os meus três professores que eu tive no secundário, eles produziam... Uma era pintora, outro era o Fanha, que escrevia, e outro era o Rebelo que é uma pessoa que gosta de música, pronto tinha actividade e a actividade dele era provocar, ir para fora do horário escolar, e estar connosco muitas vezes.

Penso que uma pessoa que tenha essa intervenção, que tenha esses hobbies, está mais aberto e preparado para ter uma visão de professor que nós defendemos.

Tentativa de sistematização

A reflexão é um processo fundamental no desenvolvimento profissional e começa normalmente com experiências pessoais, pequenos incidentes, interacções e fases que fomentam a reflexividade.

E é nessas primeiras reflexões, muitas vezes autobiográficas, que se inicia o processo hermenêutico de si próprio: procurar entender o seu próprio entendimento, base fundamental de controlo das aprendizagens: "Apenas os que compreendem o seu passado podem tomar o seu futuro nas mãos" (Kelchtermans, 1995: 19). E ainda, como diz este mesmo autor,

Os incidentes, fases e pessoas críticas constituem experiências chave do desenvolvimento profissional do professor. Estas experiências são tópicos ideais para a reflexão autobiográfica porque revelam, de forma condensada, certos momentos importantes do desenvolvimento. No

processo de lembrar e narrar (ou escrever) essas experiências, o professor é obrigado a reflectir no seu significado específico. Porque é que o acontecimento X ou a pessoa Y foi tão importante para mim? Porque é que eu lembro isso tão bem? De que maneira é que isso me influenciou? (idem: 17).

A escola primária também aqui é quase sempre uma referência, uma memória guardada enquanto modelo positivo ou negativo.

Por outro lado, para se ser criativo, inovador, interveniente e activo na profissão, tem que se sê-lo também enquanto cidadão. Caso contrário, a reprodução da passividade persiste. Os alunos não podem responder com criatividade, actividade e entusiasmo a docentes que não provoquem e estimulem os alunos à aprendizagem.

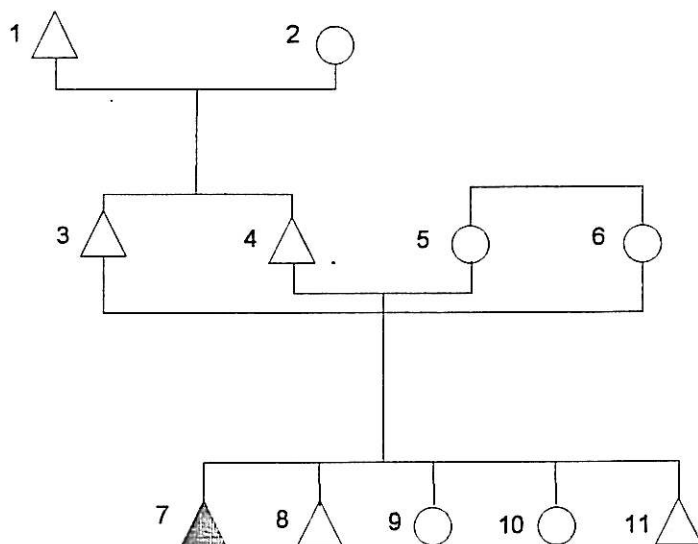
Colocar aqui quadro III

Tanto o António como o Telmo parecem ter um percurso que os fez pensarem-se a si próprios relativamente aos outros. Reflectiram os seus próprios valores em comparação com a alteridade. Têm uma cultura pessoal avessa à reprodução dos conhecimentos descontextualizados que tantas vezes a escola faz. O mesmo sentem em relação à reprodução da tradição só por tradição. Aprenderam a problematizar o quotidiano, atitude que bastas vezes lhes trouxe problemas nas escolas por onde passaram. Não raras vezes eram por isso estigmatizados ora como de intelectuais, ora como de loucos, i.e., diferentes.

São apologistas de mudanças sociais e educativas. A insatisfação do presente e a angústia resultante da concepção do projecto do devir faz parte das suas vidas desde a infância.

O António e o Telmo reivindicam uma escola activa, que ponha os alunos a fazer perguntas e a intervir no mundo onde se realizam. Esta vertente de intervenção cívica está já presente nas suas vidas antes das suas formações académicas de professores. Ambos estão convictos ser esta uma faceta importante do *ethos* do professor - intervir na própria sociedade de que a escola é um microcosmos.

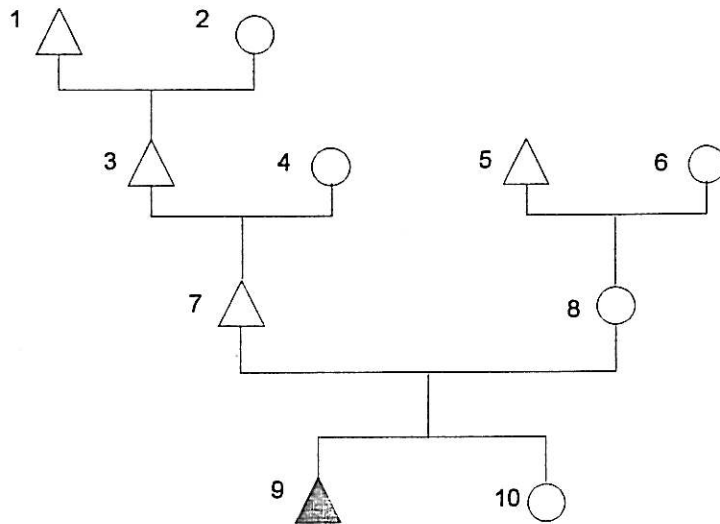
Quadro I
Genealogia do António Nunes



LEGENDA:

- 1 - Avô; madeireiro; 4ª Classe
- 2 - Avó; agricultora
- 3 - Tio e padrinho do António; médico
- 4 - Empresário; 4ª Classe; 58 anos
- 5 - Doméstica; 58 anos
- 6 - Doméstica
- 7 - António Nunes, hoje licenciado
- 8 - Comerciante; 9º ano incompleto
- 9 - Economista e Professora
- 10 - Comerciante; 12º ano
- 11 - Empresário; Ensino Complementar

Quadro II
Genealogia do Telmo Costa



LEGENDA:

- 1 - Pintor
- 2 - Professora Primária
- 3 - Professor Primário
- 4 - Professora Primária
- 5 -
- 6 - Professora Primária
- 7 - Mediador orçamentista; Ensino Secundário
- 8 - Professora de História no Ensino Secundário
- 9 - Telmo Costa; hoje Professor de E. V. T.; 28 anos
- 10 - Licenciada

Quadro III

	Incidentes críticos	Pessoas críticas		Fases críticas	Transgressões	Intervenções na vida não escolar
		Positivas	Negativas			
<p>António</p> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	reprovações na disciplina de português; positiva a português com outra professora; saber que a professora de filosofia da prima não usava manual	padrinho; pai; professora de português	irmão mais velho	pré-escola; escola primária num colégio de freiras; o 12º ano, quando começou verdadeiramente a estudar	não seguiu medicina como era expectativa da família; dizer ao pai que já não tinha idade para ouvir certas coisas que este lhe dizia	rádio local
<p>Telmo</p> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/> <input type="checkbox"/>	um professor querer mudar o nome da escola; aulas no café; fazer-se amigo do filho de uma prostituta; ter negativa a desenho; a passividade das práticas pedagógicas	dois professores do secundário; a mãe e o pai	uma professora de matemática do secundário; professora primária; professora de educação visual do secundário	ensino secundário na escola secundária de Loures; ir para a tropa no ano em que ingressou no ensino superior	não entregar os documentos necessários no serviço militar para poder usufruir das vantagens de ter o 12º ano	pintar

Referências Bibliográficas

BRAGA da CRUZ, Manuel *et alii* (1989). "A situação do professor em Portugal, relatório da comissão criada pelo Despacho 114/ME/88 do Ministro da Educação", in *Análise Social*, Separata 103/104.

CARIA, Telmo, (1993). *Sociologia da Educação*, Vila Real: UTAD.

CARVALHO, Adalberto Dias de (1988). *Epistemologia das Ciências da Educação*, Porto: Edições Afrontamento.

CHATEAU, Jean (s/d). *Os Grandes Pedagogos*, Lisboa: Ed. Livros do Brasil. [original de 1956].

ESTRELA, Albano (1996). "A reforma curricular vista por Albano Estrela", entrevista de José Carlos Abrantes, in *Noesis*, 39.

□

- FREIRE, Paulo (1974a). *Pedagogia do Oprimido*, Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra.
- KELCHTERMANS, Geert (1995). "A utilização de biografias na formação de professores" in revista *Aprender*, 18.
- NÓVOA, António (Org.). (1992a). *Vidas de Professores*, Porto: Porto Editora.
- NÓVOA, António (1992b). "Ser professor em Portugal, hoje", in Revista *A Razão*, Janeiro/92.
- PATRÍCIO, Manuel F. (1990a). *A Escola Cultural*, Lisboa: Texto Editora.
- SANTOS, Renato Quintino dos (1986). *Educação e Extensão Doméstica ou Libertar*, Petrópolis: Vozes.
- SILVA, Agostinho da (1990). "Essa escola vai avançar, mensagem enviada para um debate sobre a escola cultural" in *A razão*, 4.
- VIEIRA, Ricardo (1996). *Educação, Tradição e Mudança: Histórias de Vida, Práticas e Representações Sociais*, Tese de Doutoramento, Lisboa: ISCTE.
- WEBER, Max (1983). *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* Lisboa: ed. Presença. [original de 1901].

Notas

¹ Curiosamente, muito embora eu o considere um bom intelectual, o António acabou por demorar mais tempo a terminar o curso. Deixou várias cadeiras para trás, não por incapacidade mas mais por desmotivação. Era preciso "decorar umas coisas" e ele não esteve para isso. Parece que se interessou sempre mais pela reflexão e crítica textual, o que nem sempre era valorizado pelos professores e muito menos em algumas disciplinas.

² Trânsfuga no sentido de ter passado duma cultura original e local a uma cultura mais global, em consequência do sucesso escolar que de alguma forma inicia os cidadãos numa cultura mais abstracta.

³ O conceito é do filósofo Michel Serres. É usado aqui no sentido em que o self corresponde a um nós construído em simbiose com a cultura de origem e as culturas com que se vai contactando. O terceiro instruído corresponde à cultura pessoal dum determinado momento.

⁴ Professor de história das artes visuais e teoria do design, e também interveniente há uns anos num programa de televisão.

⁵ Metodologia que parece de resto não ter atingido os objectivos porque o Telmo continua a ter alguns desses mesmos erros de escrita, como eu próprio constatei enquanto seu professor, e ele próprio reconhece.

⁶ Que abordei particularmente enquanto processo de aprendizagem noutra sítio.